

Retratos da periferia em construções identitárias de *it girls* das favelas cariocas no Instagram¹

Portraits of the periphery in the identity constructions of it girls from Rio de Janeiro favelas on Instagram

Simone Evangelista Cunha², Beatriz Polivanov³

-
- 1 Uma versão prévia deste trabalho foi apresentada no GP Cibercultura, no XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
 - 2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Comunicação pelo mesmo programa e jornalista formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. si.evangelista1@gmail.com.
 - 3 Professora adjunta do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense; doutora e mestre em Comunicação pelo mesmo programa. beatrizpolivanov@id.uff.br.

Resumo

O artigo analisa a emergência das chamadas “*it girls* das favelas”, jovens mulheres que moram em favelas cariocas ou nos subúrbios da cidade que se tornaram ícones proeminentes da moda dentro e fora de suas comunidades, por meio do uso intenso de mídias sociais. Argumentamos que tal acontecimento representa mudanças sociais e culturais associadas às relações entre centro e periferia, global e local, novas e velhas mídias na contemporaneidade. Assim, nosso objetivo é discutir, a partir da observação do perfil da *it girl* Isadora Machado no Instagram, como o site media tal fenômeno e como ela se apropria dele para não apenas performatizar seu *self*, mas também, a partir do consumo, tensionar relações identitárias entre centro e periferia.

Palavras-chave

it girls, Instagram, centro, periferia, consumo.

Abstract

The article analyzes the emergence of the so-called “*it girls* from the slums,” young women who live in slums or in the city’s peripheries and became prominent fashion icons in and out of their communities through the intense use of social media. We argue that such an event represents social and cultural changes associated with relations between center and periphery, global and local, and old and new media in contemporary society. Thus, our aim is to discuss, from the observation of the profile of *it girl* Isadora Machado on Instagram, how the website intermediates such phenomenon and how she appropriates Instagram not only to perform her *self*, but also to tense identity relations between center and periphery from consumption.

Keywords

It girls, Instagram, center, periphery, consumption.

Ícones fashion dentro e fora das comunidades: as "it girls" das favelas cariocas

A visibilidade recém-obtida pelas "it girls" de comunidades cariocas se insere no contexto de valorização de movimentos sociais, culturais e econômicos relacionados às periferias que se intensificou no Brasil nos anos 2000. Mediado por mídias massivas e pós-massivas, esse fenômeno chama atenção para mudanças sociais e culturais associadas às relações entre centro e periferia, global e local, novas e velhas mídias.

Em janeiro de 2015, o jornal *O Globo* publicou uma matéria intitulada "Conheça as meninas que estão ditando moda nas comunidades e fora delas", com o seguinte subtítulo: "As 'it-girls' das periferias agitam as redes sociais e lançam tendências" (DALE, 2015). Em maio do mesmo ano, o jornal *Extra* trouxe às bancas uma reportagem intitulada "Favela chique", ressaltando que o estilo dessas jovens é "bem diferente do que elas costumam ver onde moram" (RIBEIRO, 2015). Ambas as reportagens destacavam o papel dos sites de redes sociais (SRSs) na construção dessas novas *it girls*: além ser um espaço importante na busca por referências de moda, elas usam perfis nesses sites para interagir com fãs, consolidando-se enquanto referências para outras jovens.

O termo "*it girls*", vale destacar, é utilizado pelas próprias jovens, que se identificam como parte desse fenômeno cultural⁴. A alcunha teria surgido em 1927, com o filme *It*, protagonizado pela atriz Clara Bow, para denominar jovens mulheres capazes de ditar tendências em termos de comportamento e moda. O termo passou algumas décadas sendo utilizado para fazer referência principalmente a celebridades da indústria cultural. Não obstante, a partir da consolidação da *Web 2.0* e da ampliação (potencial) de visibilidade que narrativas

4 Uma delas, Ana Paula Bloch, comenta em seu perfil no Instagram sobre a reportagem do jornal *Extra*: "Hoje estou muito feliz, mais uma nova etapa das *it girls* e com grande prazer que estou participando de novo de uma mega matéria que vocês vão adoooooorar. Essas meninas são referência no mundo da moda das favelas dentro e fora". Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/3TmP0BvSfa/>>. Acesso em: jun. 2016.

de sujeitos tidos como “comuns” passaram a ter, passou a ser atrelado também a blogueiras, *instagrammers* e *vloggers*⁵.

Neste trabalho, o que chama atenção, contudo, não é *apenas* o fato de jovens, outrora anônimas, estarem estampando matérias de jornais devido à atuação enquanto ícones *fashion* e utilização intensa de mídias sociais. Para além disso, trata-se de jovens mulheres, negras, que moram em periferias⁶ do Rio de Janeiro. Usando uma “linguagem da rede”, marcada por coloquialismo, personalidade e sensação de proximidade, essas jovens conquistaram público, e se tornaram referência de estilo para além de seus locais de origem. Ainda que tal lugar seja reservado a uma ínfima parte dos jovens de periferias, justamente por seu estilo ser considerado “bem diferente do que elas costumam ver onde moram”, como apontado pelo jornal *Extra*, acreditamos que olhar para tal fenômeno pode nos ajudar a refletir sobre questões que envolvam consumo, produção de identidade, relações centro/periferia e mediações sociotécnicas. Assim, nosso objetivo é discutir, a partir de um estudo exploratório sobre o perfil da *it girl* Isadora Machado no Instagram (@isismac), como o site media esse processo e como ela se apropria dele para performatizar não apenas seu *self*, mas também tensionar relações identitárias entre centro e periferia, a partir de práticas de consumo. A observação e a coleta de dados ocorreram no período de dezembro de 2015 a junho de 2016.

Atravessamentos entre centro e periferia na construção de “territórios” virtuais

Refletir sobre a materialização de espaços urbanos estigmatizados no Instagram de jovens que se posicionam como *it girls* implica reconhecer que o uso de artefatos técnicos como os SRSs pode ter papel ativo na constituição dos

5 Os termos designam pessoas que criam perfis ou canais em blogs, no Instagram e *vlogs*, respectivamente.

6 Embora cientes da problematização em torno do termo “periferia”, optamos por utilizá-lo, por compreender que se trata de uma noção importante para a discussão que pretendemos propor, a saber: um vocábulo capaz de representar um local, as pessoas que vivem nesse local e seus estilos de vida e hábitos de consumo, evocando um conjunto de ideias sobre o popular (TROTTA, 2013).

territórios. Mais do que representar a favela, nas postagens que analisaremos a seguir defendemos que as imagens e outros elementos utilizados para retratar um bairro atuam não apenas nas construções identitárias das jovens em questão, mas na constituição da própria localidade.

Nesse sentido, dialogamos com Appadurai (2004) ao pensar a localidade a partir de um ponto de vista relacional e contextual. Ao analisar as possíveis significações da localidade em um mundo globalizado, o teórico indiano conclui que se trata de um fenômeno complexo, que vai muito além da questão espacial. Trata-se de uma construção dinâmica e contínua, formada por vínculos diversos, como a interatividade entre os participantes de determinadas comunidades – que o autor denomina como “bairros” – e determinados contextos.

Segundo o autor, cabe aos sujeitos locais a tarefa, sempre continuada, de assegurar a reprodução de seu bairro, uma vez que a localidade não pode ser considerada estável. Esse processo é também alimentado por contingências relacionadas à história, ao ambiente e à imaginação, que, por sua vez, teriam o potencial não apenas para a reprodução dos bairros, mas para a produção de novos contextos. “Desse modo, o bairro, enquanto contexto, produz o contexto de bairro” (APPADURAI, 2004, p. 246). De acordo com a linha argumentativa desenvolvida pelo autor, a análise enfatiza o papel dos elementos pontuados, sobretudo a imaginação, fator social capaz de produzir contextos de resistência.

Entretanto, cabe pontuar que não buscamos analisar o objeto deste artigo sob o viés de uma resistência pautada por binarismos entre global e local. Nos interessa pensar sobre as *it girls* das favelas como construções midiáticas relacionadas a uma “cultura global e local, complexa e interligada” (REGEV, 2013, p. 3). Nesse sentido, consideramos uma aproximação com o conceito de cosmopolitismo estético, defendido por Motti Regev (2013). Ao apontar o processo de globalização cultural na modernidade tardia como elemento-chave para a popularização do *pop-rock* e seus elementos expressivos pelo mundo, Regev chama atenção para um fenômeno permanente, “em que grupos sociais de todos os tipos em todo o mundo, crescentemente compartilham amplas bases comuns

em suas percepções estéticas, formas de expressão, e práticas culturais” (REGEV, 2013, p. 3). É possível pensar, portanto, no vínculo entre as jovens nascidas na periferia do Rio de Janeiro e o universo das *it girls* enquanto manifestações desses cruzamentos e negociações entre subalterno e hegemônico.

Tal discussão nos remete à questão da subalternidade, tratada por teóricos pós-coloniais como Chandra Talpade Mohanty (2000) e Homi Bhabha (1998). Sob essa ótica, embora não possua o mesmo lugar de fala privilegiado de outrem, o sujeito pós-colonial produz linguagens minoritárias, capazes de operar deslocamentos e criar novos sentidos. Segundo Paul Preciado, esses autores estão distantes de uma posição que prega a impossibilidade de tradução da condição de subalternidade, uma vez que reclamam “o status de toda linguagem como fronteira, como em si mesma produto – sempre e em qualquer caso – de tradução, de contaminação, de deslocamento” (CARILLO, 2010, p. 62).

Por outro lado, pensar na condição da subalternidade como intraduzível não exclui a possibilidade de enxergar um debate sobre subalternidade latente ou explícita, em determinados contextos. Ao enfatizar sua relação com as comunidades nas quais estão inseridas, as jovens em questão propõem uma ressignificação dos estigmas associados a esses espaços urbanos. De acordo com Valladares (2000), tais estigmas estão presentes desde o surgimento das favelas. Por meio de narrativas de diferentes sujeitos, como jornalistas e médicos sanitaristas, a favela se constituiu como problema de Estado, local associado à marginalidade e percebido como “território da violência e de uma sociabilidade avessa às normas e valores dominantes” (LEITE, 2012, p. 376). Desde as primeiras décadas do século XX, as favelas, particularmente no Rio de Janeiro, tornaram-se um problema a ser resolvido de acordo com discursos higienistas, reformismos progressistas e o pensamento urbanístico em ascensão; tratava-se de acabar com o que o intelectual e empresário João Augusto de Mattos Pimenta definia como “lepra da esthetica” (sic) (VALLADARES, 2000, p. 17).

Herdeira da alcunha atrelada a esses espaços, a população favelada também enfrenta estigmas relacionados à pobreza. Nesse sentido, cabe destacar

a análise de Paugam (2003, apud PIZZIO, 2009) sobre o tema. Segundo o autor, a pobreza corresponde a um status social inferior e desqualificado nas sociedades modernas, o que causa marcas profundas na identidade daqueles que vivem tal experiência. O estigma, definido por Goffman como atributo depreciativo capaz de reduzir o estigmatizado a “uma pessoa estragada e destruída” (GOFFMAN, 1975, p. 6), estaria, dessa forma, relacionado à constituição de subjetividades. Ao relacionar essa noção com a questão da localidade, pode-se compreender por que é recorrente encontrar moradores de áreas menos privilegiadas que buscam uma aproximação com espaços mais privilegiados⁷, na tentativa de escapar de uma avaliação estigmatizada sobre si.

Não é o caso, porém, das *it girls* das favelas cariocas, que buscam construir uma narrativa sobre si e seus bairros que se distancia dos estigmas recorrentes. Ao analisar os modos pelos quais a ideia de localidade é construída a partir de *posts* no Instagram, concordamos com Santos (1996) sobre o papel da técnica como um conjunto de instrumentos utilizados pela sociedade para construir a relação entre ser humano e natureza e entre ser humano e ser humano, produzindo o que o teórico caracterizava como “espaço geográfico”. Nessa direção, podemos pensar na interação entre os sistemas técnicos que possibilitam a postagem em SRSs – como o próprio Instagram – e os sujeitos que o utilizam como parte de um processo que une sistemas de ações e de objetos para a produção do local. Assim, buscamos atentar para o papel de mediação que esses sites exercem em performances identitárias ligadas à esfera do consumo, discussão que faremos a seguir.

Consumo e performances identitárias e(m) sites de redes sociais

Ao observamos perfis de sujeitos em SRSs, entendemos que ocorre nesses espaços um processo não necessariamente de “representação” de si mesmo(a),

7 Tal associação é favorecida pela localização de algumas favelas na Zona Sul do Rio de Janeiro, como Rocinha e Santa Marta. As favelas são localizadas, respectivamente, em São Conrado e Botafogo, bairros de classe média e classe média alta. A figura do morador de favela que menciona apenas o bairro em referência ao local de moradia é recorrente no imaginário e no cotidiano dos cariocas.

mas sim de performatização de um certo *self* que se busca construir, conforme discutido em trabalhos anteriores (POLIVANOV, 2014). A noção de performance enfatiza, conforme propõem Schechner (2006) e Goffman (2009), o saber, ou não, por parte dos atores sociais, usar determinados códigos sociais e culturais de comportamento, a fim de influenciar ou convencer certa audiência sobre algo – como um traço identitário, ou um papel social – que se deseja transmitir por meio de uma persona. No caso dos SRSs, trata-se não só de uma “audiência imaginada” ou “intencionada” (BOYD, 2011), composta pelos usuários que “seguem” ou são “amigos” de determinado perfil, mas também de uma audiência – esta menos perceptível –, que são os próprios algoritmos e sistemas que regem os SRS, que colhem e analisam os dados postados. Nesse sentido, reforçamos que não se pode pensar em identidade sem levar em consideração seu par, a alteridade, a figura do “outro” para o qual performamos, seja ele um sujeito ou objeto mais ou menos aparente para o performer.

Com isso, queremos chamar atenção para as particularidades das construções identitárias em SRSs, de modo que entendamos o que está em jogo na performance de @isismac no Instagram, tanto em termos de apresentação de si mesma quanto do local de onde fala, a comunidade da Cidade de Deus. Apontamos, assim, algumas premissas que nos parecem fundamentais nesse processo:

- a. As dinâmicas de performatização de si em SRSs se dão a partir da mediação dos próprios sites e objetos que utilizamos para acessá-los, como computadores e *smartphones*, estando sujeitas, portanto, às “dinâmicas materiais” que se dão em mídias digitais (CASTANHEIRA, POLIVANOV, MAIA, 2016). Isso envolve, por exemplo, desde os filtros possíveis que se pode escolher para as fotos que são publicadas no Instagram – o que irá afetar a composição e performance da imagem que se quer criar, seja de si mesmo ou de uma localidade – até, de modo mais amplo, o que se pode e não se pode publicar nessas plataformas, de acordo com suas políticas de uso e códigos éticos.

- b. Tal performance se dá sempre para o olhar alheio, sem que isso necessariamente corresponda a uma superexposição dos sujeitos, e não se dá de forma aleatória. Por um lado, há mais valores e disputas em jogo do que apenas o exibicionismo, como empoderamento, autoafirmação e sociabilidade, entre outros. Por outro lado, em diferentes momentos, as performances dos sujeitos (e dos objetos) irão se alterar de acordo com seus interesses e públicos “intencionados”, não se dando de forma indiscriminada e randômica.
- c. As performances cotidianas, sejam elas *on* ou *off-line*, estão atreladas à esfera do consumo, por meio da qual buscamos definir, a partir da apropriação e/ou afiliação a uma série de bens, serviços, ideias etc., quem somos (CAMPBELL; BARBOSA, 2006). A especificidade dos ambientes digitais dos SRSs é que eles podem deixar visíveis e “indexáveis”, para uma ampla audiência, nossos gostos e rastros de consumo, o que parece ser um capital simbólico particularmente relevante para blogueiras e *instagrammers* no campo da moda.
- d. Em geral, boa parte dos atores sociais busca construir, nos SRSs, personas que sejam críveis, em uma busca – sempre sujeita a rupturas e desencaixes – por um ideal de “coerência expressiva” entre seus *selves on* e *off-line* (SÁ; POLIVANOV, 2012). Tal ideia pode se relacionar também a uma busca por “autenticidade”. Como afirmam Haimson e Hoffmann (2016) “a natureza performativa da autenticidade é refletida nas escolhas que os usuários têm que fazer [em SRSs] relacionadas à abertura pessoal, ou informacional” (p. 3, tradução nossa). Contudo, para além dessa concepção de autenticidade, apontamos outras duas: no sentido de se mostrar “singular”, autêntico/a por ser diferente dos demais, e no sentido de ser visto/a como “real”, “natural”, “autêntico/a”, em oposição a uma suposta extrema digitalização e manipulação de imagens, muito comum nos SRSs.

É a partir dessas premissas que buscaremos analisar o perfil da *it girl* Isadora no Instagram, levando em consideração, neste trabalho, mais os aspectos de uma dimensão cultural e simbólica da performance da jovem do que uma dimensão material, o que deverá ser feito em trabalhos futuros.

Análise das representações de si e da favela no perfil @isismac

Em nossa incursão pelo universo das *it girls* das favelas, selecionamos o perfil de Isadora Machado, de 17 anos, moradora da Cidade de Deus, após pesquisas preliminares sobre jovens reconhecidas em suas comunidades, por diferentes meios de comunicação, como *it girls*. Além de utilizar como critérios primordiais a frequência de atualizações e o número de seguidores, também nos chamou atenção o fato de que a própria Isadora se autodenominar, em sua biografia disponível no site, *it girl*⁸. Embora a amostragem seja restrita e certamente não dê conta das múltiplas dimensões do fenômeno, consideramos adequada para a análise.

Em fevereiro de 2017, o perfil de Isadora no Instagram, @isismac, contava com mais de 6.300 seguidores, em torno de 600 perfis seguidos por ela, e mais de 800 publicações, desde a primeira, que ocorreu em setembro de 2013. No total, foram coletados para esta pesquisa 270 *posts*, publicados no período entre dezembro de 2015 e junho de 2016. Por conta de limitações de tempo e espaço, procuramos analisar a construções identitárias do local e da jovem em detrimento de outros elementos que poderiam ser abordados, como as interações com os seguidores e os índices de popularidade na rede. Tais elementos poderão ser analisados em pesquisas futuras.

Em um primeiro olhar sobre as postagens, destaca-se a autoconfiança de Isadora, que se mostra orgulhosa de sua aparência, estilo e origens. Pensando o estilo de vida enquanto noção além do “consumismo superficial” – embora esteja

8 Na sessão onde o/a usuário/a do Instagram pode deixar informações sobre si mesmo, o perfil de Isadora, @isismac, traz o seguinte texto, com alguns *emojis* de estrela, unicórnio e seta: “It Girl. 17 (referência à sua idade). RJ – Cidade de Deus / Twitter: IsisMbs / Snap (referência à SRS Snapchat): IsisMac. <https://www.facebook.com/isadora.machado.3950>”.

atrelada a padrões de consumo e comportamento (GIDDENS, 2002) –, argumentamos que o diálogo com o universo das *it girls* tem papel importante em um processo de empoderamento das jovens em questão, ligado ao gênero, raça e classe social.

Entre os elementos que evidenciam escolhas realizadas pela jovem para se filiar ao universo das *it girls* estão figurinos, poses – muitas vezes imitando editoriais de moda – e discursos. Isadora utiliza em todos os *posts* a *hashtag* *#itgirl*, reforçando seu pertencimento à categoria. É possível pensar nessas construções enquanto marcas de uma autorreflexividade (GIDDENS, 2002) continuamente reelaborada pelos sujeitos contemporâneos. Entre os assuntos mais abordados durante o período analisado, observamos “*looks* do dia” e *selfies* com mensagens de exaltação à beleza, sobretudo, da mulher negra. Trata-se de escolhas que revelam uma narrativa pautada pela “coerência expressiva” (SÁ; POLIVANOV, 2012) de jovens que se afirmam como referências de moda importantes, dentro e fora de suas comunidades de origem⁹.

Retornando ao uso de *hashtags*, praticamente todos os *posts* coletados apresentavam as mesmas, a saber: *#Itgirl*, *#tlers*, *#follow*, *#tags4like*, *#like4like*. A escolha dos termos em inglês e a repetição denotam uma ênfase na busca por conexões, com uma rede mais ampla no Instagram, uma vez que as *hashtags* são utilizadas com frequência pelos seus usuários. Além disso, esses elementos também parecem contribuir para a percepção da jovem como usuária conectada às últimas tendências do site, o que reforça a sua intenção de se apresentar como *it girl*.

O primeiro passo da análise, verificar a frequência de *posts* relacionados à periferia, revelou que foram feitas menções diretas ou indiretas à Cidade de Deus e ao Morro do Vidigal em 89 imagens, ou 33% do material coletado. O número dá a dimensão da importância do vínculo comunitário para as atualizações da jovem, uma vez que as menções registradas fazem parte de contextos diversos, como momentos de lazer, encontros familiares e, sobretudo, *selfies*. Após a exclusão

9 Destacamos ainda o alto número de curtidas: os registros foram curtidos, em média, 163 vezes, o que indica que a face construída pela jovem tem sido legitimada por seus seguidores.

de imagens semelhantes, chegamos a 34 *posts*, que serviram para análise mais detalhada. Com base nesse material, procuramos entender de que forma se dão as representações da favela e da própria Isadora, e qual a importância desse vínculo na construção identitária da jovem no site.

Nas imagens clicadas em ambientes externos que aparecem na amostra selecionada, a favela aparece por geolocalização¹⁰ e cenário. São imagens registradas em ambientes com muros de reboco aparente, chão de cimento, prédios de conjuntos habitacionais. O cenário, como a maior parte das fotos publicadas, emoldura momentos felizes, como a família reunida, ou o encontro com os amigos. Além do sorriso aberto, as legendas das imagens reforçam a representação da felicidade exposta nos cliques, com frases como “dia feliz” e “de boa aqui na minha felicidade”, conforme a Figura 1.



Figura 1: Mensagens positivas e postura confiante.

Local: Cidade de Deus.

Fonte: Instagram

Em outras duas imagens analisadas, existe uma associação mais aparente com o mundo da moda, percepção acentuada pela escolha das poses. Os cliques

¹⁰ Se levarmos em conta que tal recurso pode ser ativado e desativado com facilidade – a própria Isadora não o ativa em outros momentos – trata-se de um indicativo importante sobre o vínculo com a comunidade como elemento relevante para a construção identitária da jovem no site.

foram realizados no morro do Vidigal, favela localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, famosa pela intensa vida cultural e realização de festas que atraem pessoas de toda a cidade, além de também turistas. Neste contexto, os grafites do Vidigal, em evidência nas imagens, parecem reforçar um vínculo com o *street style*, amplamente valorizado e reconhecido no mundo da moda¹¹.

Nas imagens em ambientes internos, o semblante é mais sensual, e o cenário reforça a ideia de que as imagens revelam a intimidade da jovem. Não por acaso, a maior parte das imagens selecionadas (14) foi clicada dentro de um mesmo quarto. Dois *posts* selecionados apresentam vídeos no mesmo local: trata-se de registros da jovem cantando músicas, também relacionadas, de certa forma, à noção de periférico: "Zero", de Liniker, e "Baile de Favela", de MC João¹².

Além das expressões faciais e corporais, as legendas escolhidas para os *posts* reiteram o discurso de confiança e autoestima: entre elas, destacamos "tranquilidade" e "sou a minha própria estrela". Ressaltamos ainda que, embora a jovem faça uso dos filtros característicos de imagens do Instagram, as escolhas parecem privilegiar uma estética mais naturalista – ainda que baseada no apelo *vintage* pelo qual o Instagram se popularizou. Essas opções se repetem inclusive nas outras imagens selecionadas para a amostragem, nas quais ela aparece ao lado do pai, pronta para sair ou deitada no chão.

Para além dos números que mostram o percentual relevante de menções à Cidade de Deus e outras localidades periféricas nas postagens, destacamos que os sentidos que emergem das postagens analisadas não são pautados por estereótipos atrelados aos principais estigmas ligados à periferia. As ideias de carência e ausência, tão comuns a representações sobre a pobreza, dão lugar à

11 Nascido a partir de subculturas juvenis que começaram a ganhar expressão nos anos 1950 e 1960, o *street style*, ou estilo de rua, surgiu como "um movimento de subversão na moda" (HINERASKY, 2012, p. 100) capaz de congregiar grupos sociais diversos, legitimando a rua como o espaço de visibilidade e autenticidade para núcleos sociais periféricos.

12 Além de questionar os padrões normativos de gênero, Liniker se intitula "bicha, preta e pobre" em suas aparições na mídia e prega o empoderamento de minorias, sobretudo gays e negros. Disponível em: <<https://goo.gl/hw24nP>>. Acesso em 14. jul. 2016. Já "Baile de Favela" é um *funk* conhecido por nomear bailes *funk* realizados a céu aberto em periferias de São Paulo, também conhecidos como "fluxos".

criatividade, à ousadia e à confiança, requisitos para a construção de uma ideia de autenticidade em torno do conceito de *it girl*. Nesse sentido, retornamos ao que foi dito sobre a concepção de autenticidade enquanto singularidade – por um lado, Isadora destaca-se de outras meninas, que não seriam tão criativas e “únicas” como ela – e como ideal de “veracidade”, a partir do momento em que ela não esconde suas “raízes” na comunidade – ao contrário, as utiliza para reforçar sua identidade.

A violência, estigma relacionado particularmente à favela, não é mencionada uma única vez. Contudo, cabe mencionar uma postagem, feita em 15 de maio de 2015 (Figura 2), na qual Isadora sorri, sentada em um banco, possivelmente na Cidade de Deus, onde há, sobreposto, um desenho de coração seguido da palavra “FAVEL”. Na legenda da foto, afirma: “Apesar de tudo, eu amo o meu lugar <3 #MADEinfavela, #ItGirl”, entre outras *hashtags* já mencionadas. Aqui, nota-se uma menção indireta e vaga aos problemas da comunidade (“apesar de tudo”), ainda que o tom seja de afirmação de amor pelo lugar, sem qualquer indicativo negativo na imagem. A alegria e as experiências positivas são reiteradamente enfatizadas – seguindo o que parece ter se constituído como elemento importante dentro do universo de imagens publicadas no Instagram.

É interessante ressaltar que, apesar de obedecerem a padrões estéticos característicos da rede, as imagens postadas não ocultam elementos associados à pobreza. Pelo contrário, valorizam alguns aspectos, como paredes descascadas, corrimão feito de canos, crianças correndo na rua e portas manchadas. A partir dessa observação, uma hipótese de pesquisa, que deverá ser investigada em trabalhos futuros, é de que tais elementos contribuem para que a face construída pela *it girl* em questão seja reconhecida como mais autêntica, conforme aventado. Ainda, ao retratar esses elementos, a partir de enquadramentos e poses que dialogam com o universo das *it girls* de maneira mais ampla, uma nova narrativa sobre o local é construída e, retomando os argumentos de Santos (1996) e Appadurai (2004), os próprios espaços são ressignificados. Ao mesmo tempo, não se pode deixar de problematizar que as poses e os enquadramentos que aparecem

na maior parte das fotos dialogam diretamente com o universo “*mainstream*” da moda.



Figura 2: Jovem reconhece problemas da Cidade de Deus, mas reforça sua conexão com o bairro.

Fonte: Instagram

Considerando que as *it girls* são reconhecidas pela influência sobre os estilos de vida de seu público – como afirma matéria do site *GShow*, “uma verdadeira it-girl oferece a seus fãs não só um modelo de estilo, mas um conceito de vida a ser seguido”¹³ –, nos cabe perguntar que tipo de conceito é transmitido a partir do perfil da *it girl* analisada e qual o papel da localidade nesse contexto.

Ao comparar as postagens analisadas com as de outras *it girls* que se tornaram celebridades em SRSs, como Niina Secrets (@niinasecrets) e Camila Coutinho (@camilacoutinho), pode-se considerar ainda um desdobramento dessa hipótese: enquanto as *it girls* “tradicionais” postam com frequência elementos que se tornam objetos de desejo, como roupas e sapatos de grife, jantares em restaurantes badalados e viagens, o perfil analisado busca dialogar com esse universo a partir de outras referências. Uma delas, possivelmente, surge a partir do vínculo com saberes/valores locais. Nesse sentido, o diálogo com o

13 “Do closet de casa para o mundo! Entenda o que é uma *it-girl*”. Disponível em: <<https://goo.gl/Dp6a4A>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

que podemos chamar de “cultura globalizada das *it girls*” aparece como uma alternativa não apenas de visibilidade para sujeitos periféricos, mas para a constituição de linguagens fronteiriças. Pautadas pelo cosmopolitismo estético, tais narrativas apresentam o nível de complexidade característico dos cruzamentos entre global e local, sobretudo a partir do acesso à internet. Mais do que conferir um caráter de resistência aos sujeitos subalternos, apresentam um potencial questionamento das narrativas hegemônicas – afinal, o que significa ser uma *it girl* na contemporaneidade?

Considerações finais

Procuramos discutir de que formas as filiações ao universo das *it girls* podem representar uma positivação das representações da mulher negra e moradora das favelas no Brasil a partir da análise do perfil de Isadora Machado no Instagram. Podemos pensar nas construções identitárias analisadas enquanto exemplos do deslocamento proposto por Hall (2003) acerca da identidade na modernidade tardia do “ser” para o “tornar-se”. Para o autor, embora esteja relacionada a determinadas condições de existência que incluem recursos materiais e simbólicos, a identificação é sempre condicional. Trata-se, portanto, de sujeitos que não estão presos a status fixos, embora vinculados a determinadas tradições.

Ao reforçar seu pertencimento a comunidades que ainda sofrem com a estigmatização como parte da performatização de um *self* exibido em SRSs, as *it girls* da periferia reivindicam um lugar de fala por meio de estratégias que dialogam, ainda que em posição desigual, com dinâmicas de consumo expressivas na contemporaneidade. Nos termos de Canclini (2008), reconstróem suas identidades culturais por meio de processos de hibridação intercultural. O consumo, nesse sentido, ganha nova dinâmica, mesmo que ainda precária, integrando, mesmo que de forma subordinada, indivíduos periféricos ao mundo global. Ao oferecer novas inflexões para a agência social, política e cultural, utilizando símbolos convencionais e ao mesmo tempo novos, torna-se possível conectar linguagens e estabelecer, segundo Pinho (2005) outros fluxos desterritorializados. Também

cabe destacar que a mescla entre inspirações “tradicionais” do universo da moda e a criação de novas referências, que ditam tendências dentro e fora das favelas – como cabe a uma *it girl* – explicita um diálogo pautado por atravessamentos complexos e dinâmicos entre local e global. Paralelamente, questiona e tensiona os limites envolvidos nessa relação, uma vez que problematiza a questão dos sujeitos que podem se deslocar com maior facilidade entre essas duas instâncias, como aqueles relacionados ao universo da moda.

Por outro lado, é importante destacar que o acesso a determinados fluxos culturais globais é irregular, feito de impedimentos e desigualdades, tal como destaca Appadurai (2004). Embora nossa análise tenha se concentrado em um perfil vinculado a um site de rede social, existem diversos outros atores envolvidos na rede de significações que confere às jovens em questão o status de *it girl*, sendo importante investigar, futuramente, as diversas interações entre elementos humanos e não humanos que contribuem para a consolidação dessas “representações”.

Referências

APPADURAI, A. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema, 2004.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOYD, D. Social Network Sites as networked publics: Affordances, Dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Z. (Ed.). *A Networked Self: Identity, Community and Culture on Social Network Sites*. London: Routledge, 2011. p. 39-58.

CAMPBELL, C.; BARBOSA, L. (Orgs.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CARILLO, J. Entrevista com Beatriz Preciado. *Poiésis*, Niterói, n. 15, p. 47-71, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2q83nGD>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

CASTANHEIRA, J.; POLIVANOV, B.; MAIA, A. Does code dream of stuff? Dinâmicas materiais em mídias digitais. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 25., 2016, Goiânia. Anais... Goiânia: Compós, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2ptr0gr>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

DALE, J. Conheça as meninas que estão ditando moda nas comunidades e fora delas. *O Globo*, [S.l.], 4 jan. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/IVXJUA>>. Acesso em: jun. 2016.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAIMSON, O.; HOFFMANN, A. Constructing and enforcing “authentic” identity online: Facebook, real names, and non-normative identities. *First Monday*, Chicago, v. 21, n. 6, 43 p., 2016.

HINERASKY, D. *O fenômeno dos blogs street-style: do flâneur ao "star blogger"*. 2012. Tese. (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LEITE, M. P. Da "metáfora da guerra" ao projeto de "pacificação": favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 374-389, 2012.

MOHANTY, C. Under Western eyes: Feminist scholarship and colonial discourses. In: BRYDON, D. (Org.). *Postcolonialism: Critical concepts in literary and cultural studies*. London; New York: Routledge, 2000. p. 1183-1209. v. 3. (1984).

PINHO, O. *Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafrikanização em Salvador*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 127-145, 2005.

PIZZIO, A. *Desqualificação e qualificação social: uma análise teórico conceitual. Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 209-232, 2009.

POLIVANOV, B. *Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

REGEV, M. *Pop-rock music: aesthetic cosmopolitanism in late modernity*. Cambridge: Polity Press, 2013.

RIBEIRO, A. Conheça cariocas que, assim como Danda de "I love Paraisópolis", são it girls de comunidades. *Extra*, [S.l.], 30 maio 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/z7Qh3X>>. Acesso em: jun. 2016.

SÁ, S. P.; POLIVANOV, B. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. *Contemporânea | Comunicação e Cultura*, Salvador, v. 10, n. 3, p. 574-596, set./dez., 2012.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHECHNER, R. *Performance Studies: An Introduction*. 2nd ed. New York; London: Routledge, 2006.

TROTTA, F. *Entre o borralho e o divino: a emergência musical da "periferia"*. *Galáxia*, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 161-173, 2013.

VALLADARES, L. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.15, n. 44, p. 5-34, 2000.

submetido em: 3 fev. 2017 | aprovado em: 12 abr. 2017